

A TEORIA BEHAVIORISTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

AQUINO, Laís Eduarda de
VALLE, Andreia Elicker de Oliveira do

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a teoria Behaviorista observada no processo de aquisição da linguagem da criança partindo da teoria defendida por Leonard Bloomfield (1887-1949), que também influenciou os estudos de B. F. Skinner sobre o tema. Defende-se que, essa se baseia no comportamento verbal como conjunto de hábitos adquiridos para comunicação social assumindo característica não cognitiva. A partir desse pressuposto, ele define a linguagem como um conjunto de hábitos verbais que geram respostas de acordo com o estímulo recebido, dessa forma, implicando que a criança não possui conhecimento prévio. Para a realização dessa análise, foram realizadas pesquisas de base bibliográfica que deram aporte teórico para a fundamentação da pesquisa. Busca-se mostrar ao longo do artigo que somente a teoria behaviorista não é suficiente para o aprendizado da língua pela criança, mas que não deixa de ser relevante para os estudos da aquisição da linguagem e de outros aprendizados.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Teoria Behaviorista. Condicionamento como Estímulo Resposta.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria Behaviorista, no processo de aquisição da linguagem, busca compreender de que modo ocorre a aprendizagem da língua na fase inicial da vida humana. Com esse trabalho, através de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa em livros, artigos científicos, teses, dissertações e outros documentos, busca-se facilitar o entendimento de tal teoria e mostrar como a aquisição da linguagem se daria por esse meio, entendendo que, somente ela, não é suficiente para explicar esse fenômeno. Diversos pesquisadores ao longo dos anos desenvolveram pesquisas sobre o tema e obtiveram resultados variados. Bloomfield (1933) postula que a linguagem humana constitui “um fenômeno externo ao indivíduo, como um sistema de hábitos, gerado como resposta a estímulos e é fixado pela repetição”. Segundo a pesquisa feita, essa afirmação não se sustenta e conduziu pesquisadores, como Chomsky (1959), a contra-argumentar, muitas vezes, com críticas severas. A

pergunta que se faz é: somente o uso da teoria Comportamentalista seria suficiente para a aprendizagem da língua pela criança?

Para Bloomfield (1933) sim e o modelo de aquisição da linguagem segue da seguinte forma:

Cada criança que nasce num grupo social adquire hábitos de fala e de resposta nos primeiros anos de sua vida. [...] sob estimulação variada, a criança repete sons vocais. [...] Alguém, por exemplo, a mãe, produz, na presença da criança, um som que se assemelha a uma das sílabas de seu balbucio. Por exemplo, ela diz doll [boneca]. Quando esses sons chegam aos ouvidos da criança, seu hábito entra em jogo e ela produz a sílaba de balbucio mais próxima, da. Dizemos que nesse momento a criança começa a imitar. [...] A visão e o manuseio da boneca e a audição e a produção da palavra doll (isto é, da) ocorrem repetidas vezes em conjunto, até que a criança forma um hábito. [...] Ela tem agora o uso de uma palavra. (BLOOMFIELD, 1933, p. 29-30).

No entanto, Chomsky (1959) aponta que, o modelo de Skinner, ao qual a teoria Behaviorista segue, impossibilita qualquer reflexão ou explicação da teoria do gerativismo linguístico.

A escolha do tema para pesquisa justifica-se, por se tratar de um tema ainda recorrentemente estudado e por existirem diferentes concepções de como acontece o aprendizado, nesse caso, apresentando mais especificamente a Teoria Behaviorista descrita por B. F. Skinner, no que diz respeito a aquisição da linguagem pela criança. Buscando, não só um maior conhecimento sobre a teoria e sua importância, como também não deixando de expor a importância das outras teorias sobre a aquisição da linguagem.

O presente artigo, fundamenta-se através da relevância das pesquisas sobre a Teoria Behaviorista, principalmente quando foram iniciados os estudos sobre a aquisição da linguagem pela criança, pois de acordo com Soares (2019, p. 13):

Uma das primeiras abordagens para o estudo da linguagem e de sua aquisição pela criança foi elaborada por Skinner. Fiel às ideias comportamentalistas de Watson (pai do Behaviorismo), o psicólogo consagrou, em 1957, uma obra inteira (Verbal Behavior) ao estudo do comportamento verbal e de seu funcionamento.

Visa-se com esse estudo, apresentar a Teoria Behaviorista no que se refere a aquisição da linguagem, mesmo sabendo que somente essa teoria não é capaz de explicar tal acontecimento. Como postulado por Sena e Gomes (2015, p. 557): “No

fim da década de 1950, Noam Chomsky impulsionou um avanço linguístico em contraponto à teoria behaviorista já existente, cujo maior expoente era o psicólogo Skinner”. No entanto, mesmo com esse estudo, as práticas apresentadas pela teoria anterior não pararam de ser utilizadas e sua importância também não foi esquecida. Deve-se levar em consideração também a grande relevância do tema não somente para a área da psicopedagogia, mas também para outras áreas, pois de acordo com Scarpa (2011, p. 205):

A Aquisição da Linguagem é, pelas suas indagações, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar. No meio do caminho entre teorias linguísticas e psicológicas, tem sido tributária das indagações advindas da Psicologia (do Comportamento, do Desenvolvimento, cognitiva, entre outras tendências) e da Linguística.

O que faz tanto da aquisição da linguagem, quanto da Teoria Behaviorista, um tema relevante a ser estudado e aprofundado para uma melhor utilização da teoria durante a prática daqueles que dela possam se beneficiar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria behaviorista, que teve grande força no Brasil nos anos 70 sendo apoiada pela “tendência tecnicista”, tem como um de seus principais pesquisadores Burrhus Frederick Skinner (1904-1990). Psicólogo americano, Skinner realizava suas experiências com animais em laboratório na então conhecida “caixa de Skinner”. O pesquisador buscava, desconsiderando os aspectos individuais do sujeito, entender como se dava a aprendizagem da criança, focando somente em seu comportamento observável. Segundo ele, é a relação da criança com o meio que molda seu comportamento. Sendo assim, a aprendizagem através de estímulos e respostas seria interessante, pois o estímulo, ou não, de um comportamento, poderia auxiliar na formação do comportamento do indivíduo. Skinner (2009) vê a aprendizagem da criança através da aquisição concentrada em novos comportamentos que partem dos estímulos e respostas, portanto, essa se torna mecanizada.

B. F. Skinner, embora não seja o criador da teoria e do termo, teve seus estudos amplamente divulgados e utilizados, inclusive no Brasil, onde essa se

mostra presente até os dias de hoje, na educação. Como precursor do Behaviorismo, que advém do termo *behavior* em inglês, tem-se Watson (1878-1958), aquele que introduz o termo em um artigo publicado em 1913 e intitulado “A psicologia como o behaviorista vê”.

Empiricamente Skinner norteou seus estudos da língua em conformidade com elementos observáveis no ambiente. O teórico propôs o monitoramento e a categorização das unidades linguísticas, e por conseguinte a interpretação da linguagem humana como um condicionamento social. Neste panorama os conceitos elaborados para fundamentar a aquisição da linguagem são, antes de mais nada, o que pressupõe a própria teoria behaviorista.

No que concerne o pensamento behaviorista, representado por Bloomfield (2013), a linguagem é um fenômeno exterior ao indivíduo e o sistema de hábitos, é o responsável por originar respostas a partir de estímulos. Isto posto, a criança aprende por fixação e repetição, por meio de cadeias associativas. Tais associações ocorrem, segundo Bloomfield (2013, p. 11-23), entre estímulo e resposta e são criadas pela repetição, utilizando de “recompensas” ou “reforços”. A criança é uma tábula rasa, ou seja, nasce sem nenhum conhecimento prévio.

Bloomfield (1933, p. 29-30) caracteriza o método de aprendizagem a partir dessa interação social por meio de repetição mecânica constante que levava a criança a aprender a falar. No entanto, sua teoria veio a ser refutada posteriormente por linguistas, teóricos e psicólogos cognitivistas. Nessas áreas, diversas pesquisas foram desenvolvidas buscando a comprovação de que somente a aplicação do behaviorismo, ou do *verbal behavior*, não seria suficiente para a aquisição da linguagem.

Mesmo buscando ressaltar os pressupostos presentes no livro *Verbal Behavior* (1957), em seus pontos positivos e negativos, esse trabalho visa apresentar também os contrapontos apresentados por outros estudiosos, como Chomsky (2006), que apresenta a linguagem como um dispositivo inato do sujeito, um órgão mental, sendo observada somente na espécie humana. Essa visão de língua enquanto órgão mental se apoia em uma visão modular da mente, na qual os sistemas cognitivos são módulos autônomos, estrutural e funcionalmente independentes, ou seja, são regidos por leis e princípios próprios.

Sendo assim, através da abordagem de diversas teorias, busca-se esclarecer como, de fato, a teoria behaviorista se estabeleceu como ponto de partida importante e constitutivo para o conhecimento sobre a aquisição linguística.

2.1 AS ÁREAS DA LINGUÍSTICA FORMULAM TEORIAS SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Autores de diferentes áreas: linguistas, psicolinguísticas, psicólogos discorrem em outras teorias sobre a aquisição da linguagem para provar, dentro das correntes linguísticas, que a hipótese do aprendizado da criança vai além de hábitos estimulados ou reforços gerados por exposição à língua materna, esse está ligado a uma capacidade natural humana, ou seja, faz parte da cognição, do aparato mental.

O autor que apresentou uma abordagem revolucionária acerca das ideias sobre o “caráter criativo da mente humana” foi Noam Chomsky (1928) linguista, publicou estudos em resposta à teoria behaviorista. Em sua resenha, Chomsky (1959) demonstrou o caráter criativo da linguagem humana e sua natureza mental abstrata, pressupostos que vão na via oposta ao que é defendido pelos behavioristas.

O linguista publicou sua crítica às ideias behaviorista, em 1959, relacionadas ao livro *Verbal behavior* (Comportamento Verbal) do professor B. F. Skinner, nesse estudo, Chomsky postula que a linguagem sempre advém do indivíduo de maneira criativa, ou seja, os seres humanos, a todo momento, criam novas frases que nunca foram ditas antes, nem pelo falante que a produziu, nem por qualquer outro.

Na concepção de Chomsky “o papel do gerativismo, no seio linguístico significa construir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento da faculdade da linguagem humana, o que significa procurar compreender um dos aspectos mais importantes da mente humana.” (KENEDY, 2013, p. 130).

Sendo assim, Chomsky aponta três argumentos que abalam a teoria comportamentalista: a criatividade linguística, a pobreza de estímulos do meio e o problema lógico da aquisição. O aspecto criativo, pautado na infinitude discreta, fragiliza a hipótese comportamentalista, pois segundo ela as crianças aprendem por estímulo e reforço, no entanto o sujeito é capaz de formular frases completamente

novas, diferentes de tudo que já possa ter escutado, por causa da criatividade linguística, esse fato também comprova que, mesmo que a criança esteja o tempo todo em contato com os mais diversos estímulos do meio eles nunca serão suficientes para prover todo o aparato linguístico que ela vai necessitar em sua vida.

No que tange o problema lógico da aquisição, observa-se que as crianças adquirem um domínio particular de uma língua sem que recebam informações suficientes do meio para tal, ou seja, existe um abismo qualitativo e quantitativo entre o que fica disponível para a criança em termos de dados primários e a produção linguística final que ela apresenta.

O modelo teórico defendido pelo behaviorismo surgiu como uma corrente da psicologia estruturalista norte-americana, e um de seus principais fundadores foi Leonard Bloomfield (1933), com a publicação de seu livro *Language*, fazendo com que suas pesquisas se tornassem de suma importância na linguística norte-americana. As pesquisas de Bloomfield foram categorizadas no início da década de 1920 por meio de estudos de diversos idiomas como por exemplo, o tagalog, nativos norte-americanos. Suas ideias partiam da taxonomia exaustiva (não havia semântica, apenas condicionamento).

Bloomfield manteve o compromisso com a linguística como uma ciência independente e fez uso de procedimentos científicos, métodos distribucionalistas (identificação de regularidades na distribuição dos elementos de uma língua a partir da observação do contexto linear em que aparecem), psicologia comportamentalista. O teórico rejeitava todos os dados que não fossem diretamente observáveis ou fisicamente mensuráveis.

No capítulo “Aquisição da Linguagem”, Martelotta e Cesário (2010, p. 207) reforçam a teoria do pesquisador e afirmam com as ideias de Bloomfield;

O estruturalismo norte-americano buscou na psicologia behaviorista explicação para a aprendizagem de língua. Segundo essa corrente da psicologia, os conhecimentos são adquiridos através das experiências vividas. A aprendizagem dá-se através de respostas bem-sucedidas a determinados estímulos do meio, e a repetição das respostas associadas aos estímulos é fundamental para esta aprendizagem. O behaviorismo teve muita influência sobre a linguística e, por muitas décadas, serviu de base para o ensino de línguas estrangeiras e também para o ensino geral. No que se refere à aprendizagem de língua materna, o processo seria também feito através de resposta a estímulos. No entanto, nesse processo, a resposta é substituída por uma resposta linguística, e o estímulo pode ser

linguístico ou não. Segundo Bloomfield a criança herda a capacidade de pronunciar e repetir sons vocais sob diferentes estímulos. A articulação torna-se um hábito, e a criança, numa etapa seguinte, passa a imitar os sons que ouve. Ela faz associações e coisas, inicialmente e, em seguida, aprende a associar uma palavra a uma coisa que está ausente.

Na abordagem de Pinker (1954) em o “Instinto da Linguagem” a análise é feita considerando a adaptação do aparelho fonador dos seres humanos, pois a capacidade de falar ocorre apenas em humanos, diferentemente de outros seres, como por exemplo, os primatas. Nestes há a capacidade de comunicação, mas não da aquisição da linguagem, o que nos torna seres únicos, dotados com a capacidade da aquisição da linguagem. Teoria reforçada por Chomsky, como apresentado por Bezerra e Souza (2013, p. 21):

A linguagem humana, dadas as suas propriedades, é um fenômeno singular, de forma que não teria evolução de sistemas de comunicação mais primitivos, tais como os gritos dos primatas não-humanos ou os sistemas gestuais. Em verdade, de acordo com Chomsky (2009b), a linguagem constitui um sistema uniforme, e, por conseguinte, suas propriedades não teriam evoluído desde o seu afloramento no processo evolutivo, o que remete à hipótese do surgimento súbito de tal sistema e da não influência da seleção natural na formação de sua estrutura.

2.2 DOTAÇÃO BIOLÓGICA OU A HEREDITARIEDADE DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Herdamos sim, uma dotação biológica para aquisição da linguagem. Sendo assim, Pinker (2004, p. 07) afirma: “A linguagem é tão intimamente entrelaçada com a experiência humana que é quase impossível viver sem ela.” Pinker aponta ainda as afasias como consequência da perda da linguagem por lesões no cérebro, as quais afetam diretamente o módulo da linguagem. Sendo assim, a parte lesionada não será restituída, ficando danificada ou a capacidade será inteiramente perdida. Como explicitado no fragmento do texto em Pinker (2004, p. 07): “A afasia, que é a perda da linguagem em consequência de uma lesão cerebral, é devastadora, e, em casos graves, os membros da família chegam a sentir que é a própria pessoa que foi perdida para sempre.”

Em Grolla e Silva (2014, p. 32), na descrição sobre o trabalho de pesquisa de Lenneberg em casos de “afasia traumática”, revelou-se que ao ocorrer uma lesão

cerebral em crianças no período inicial da aprendizagem (“fase até os 2 ou 3 anos”), a recuperação do cérebro da criança reinicia todo o processo de aquisição, em um estágio mais rápido, para atingir a proficiência necessária.

No entanto, no estágio da adolescência o processo de recuperação pode durar anos. Em seu texto, ele explana a pesquisa sobre o caso Genie que foi afastada do convívio social até os 13 anos de idade sem interação linguística e ao ser resgatada enfrentou dificuldades de adquirir a linguagem.

Para os gerativistas a criança ao nascer herda a capacidade de pronunciar e repetir, e “na idade de 4 ou 5 anos já utilizam praticamente todas as estruturas gramaticais de sua língua.” Martelotta e Cesário (2010, p. 209). Após décadas, foi formulado por Radford (1993), gerativista seguidor das ideias de Chomsky, Martelotta e Cesário (2010), o que se denomina de “hipótese maturacional da aquisição da linguagem” e fundamenta a passagem de uma fase para outra, a qual determina a maturação do organismo humano. Essas fases são divididas em: (a) fase pré-linguística: 0 a 12 meses; (b) fase de uma palavra: de 12 a 18 meses; (c) fase multivocabular inicial: de 18 a 24 meses; (d) fase multivocabular tardia: de 24 a 30 meses.

Ao expor todas essas pesquisas teóricas chega-se à conclusão do porquê somente a Teoria Behaviorista não é suficiente para explicar a aquisição da linguagem pela criança, tendo em vista os pressupostos de Chomsky e seus entusiastas. Dessa forma o intuito deste trabalho, desde o início, se corrobora, pois as considerações a despeito da teoria behaviorista mencionada no corpus e colhida de artigos publicados há algumas décadas ou mais recentes elucidam as teorias que vão na contramão do que foi postulado por Skinner.

É o instinto da linguagem na visão de Pinker (1954) o produto que possibilita aprender a linguagem, mas o meio usado para aprender, falar e a compreender perpassa pelo entendimento da ciência, originada há mais de trinta e cinco anos, em sua análise na época, a denominada “ciência cognitiva” a qual, segundo Bertelli (2010) “reúne ferramentas da psicologia, ciência da computação, da linguística, filosofia e neurobiologia para explicar o funcionamento inteligente da mente humana”, este é o embasamento o qual buscou Pinker em sua teoria, em conformidade com a linguística cognitiva, tal qual Chomsky e seus seguidores.

Na seção “Mentalês” Pinker (2004, p. 61-62) refaz o caminho utilizado por Sapir-Worf (1930), no qual apresenta uma proposta de fundamentação científica, como a famosa hipótese relativista também conhecida por “determinismo linguístico”, a qual evidencia que “os pensamentos das pessoas são determinados pelas categorias que a língua deles torna possíveis” esse postulado se relaciona a versão forte por ser mais aceita; já sua versão fraca, que postula que as diferenças entre as línguas causam diferenças nos pensamentos dos falantes, gerou controvérsia pelo fato de ter sido uma língua “Hopi” a qual julgaram pouco complexa, logo após descobriram a complexidade da língua.

Piaget (1896-1980), foi um biólogo suíço e um dos pesquisadores, se não o pesquisador, que mais influenciou o campo da educação durante a segunda metade do século 20, desenvolvendo trabalhos que são de grande importância para a pedagogia. Durante toda sua vida ele afirmou diversas vezes se diferenciar do inatismo de Chomsky e do empirismo de Skinner, procurando em seus escritos se afastar do que era pressuposto pelos dois. Piaget postula que a posição de Chomsky no que tange a teoria da aprendizagem e do conhecimento em si é incompleta e se difere dessa por acreditar que o aparecimento e a evolução da linguagem vão depender diretamente da evolução cognitiva da criança. Para ele, a linguagem é uma das manifestações da função semiótica. Sendo assim, como apontado por Parot (1978, p. 119) Piaget apresenta quatro fatores que estariam ligados ao desenvolvimento:

[...] a experiência do mundo, a maturação, o meio social e o equilíbrio que ele define como uma função biológica característica de todos os organismos vivos e que tem por objetivo responder, por processos de regulamentação e de compensação, aos desequilíbrios provocados pelo meio.

2.3 BEHAVIORISMO: PRESSUPOSTOS DO ESTÍMULO-REFORÇO-RESPOSTA NA APRENDIZAGEM

A hipótese behaviorista foi refutada, partindo de pesquisas que explicam que o pensamento não determina a linguagem como se fazia acreditar, pois o homem não aprende primeiro a linguagem e depois a pensar. Contudo, o behaviorismo atravessou gerações e permanece ainda hoje como referência de estudos e base de diversas teorias. Sendo ele a teoria de maior enfoque nos compêndios linguistas que

tangem o questionamento de seus métodos de aprendizagem fundamentados no pressuposto estímulo-reforço-resposta no processo de aprendizagem.

O conceito de linguagem como expressão de comunicação também pode ser encontrado no reino animal, mas como especificidade, o ser humano é o único capaz de produzir. Sendo assim, a linguagem verbal é uma capacidade do ser humano. Foi observado que, a partir de treinamento (estímulo-resposta), um papagaio consegue imitar sons da fala, porém, isolado deste contato, perde a memorização das palavras.

Surgiu então o “Problema de Platão”, um conceito que designa a capacidade de crianças muito pequenas (3 ou 4 anos) memorizarem dezenas de palavras de uma língua do ambiente a qual é exposta. Elas sabem compreender números, frases e discursos infinitos, uma vasta quantidade de itens lexicais, prova direta da criatividade linguística postulada pelo gerativistas. A principal característica das línguas humanas é a criatividade.

Kenedy (2013, p. 52-72) assume uma perspectiva sobre a pergunta que surgiu no gerativismo; se “O ser humano possui predisposição genética para adquirir e usar a língua de seu ambiente.”? Sobre esse assunto ele discorre que:

A criatividade é a principal propriedade das línguas naturais. Tenha atenção porque, ao contrário do que o nome sugere, “ser criativo” para a linguística não quer dizer “ser inventivo”, “ser genial” ou “ser artístico”. A criatividade é um termo técnico que se refere à nossa capacidade normal de produzir e compreender um número ilimitado de frases e discursos. Cada frase e cada discurso que proferimos ou ouvimos em nosso dia a dia é sempre uma criação inédita e única, e não uma repetição de algo que tivéssemos guardado em nossa memória de maneira passiva. Por exemplo, quantas vezes você falou ou ouviu exatamente a mesma frase que lê neste exato momento? Com certeza, sua resposta foi “nenhuma”! A criatividade é justamente isso – o uso ilimitado que todos os seres humanos comuns fazem da língua ao produzir e compreender frases e discursos novos. Eis aqui outros termos que se relacionam à noção de criatividade: “recursividade”, “produtividade”, “ineditismo”, “infinitude discreta” e “uso infinito de recursos finitos”. (KENEDY, 2013, P. 54).

O gerativismo formulou diversos questionamentos científicos acerca da teoria behaviorista, a qual defendia o aprendizado através do condicionamento por estímulo-reforço-resposta. Seguindo esses questionamentos, as demais teorias linguísticas refutaram tal pensamento que apresenta uma aquisição da linguagem na

qual a interface cognitiva não participe. Pois bem, na metade do século XX em meio ao conturbado período marcado pelos efeitos entendidos como humanos e sociais, de esfera filosófica, validaram-se critérios e metodologias empíricas à luz de ideias positivistas.

Todas as análises teóricas vêm como consequência do “manifesto behaviorista de Watson (1913)”, o movimento que:

Dá início a uma prática de investigação na psicologia, que exclui desta mente e os processos mentais, considerados objeto exclusivo da metafísica. A psicologia, como ciência, deveria se voltar para aquilo que pode ser observado, ou seja, o comportamento manifesto, e prover para este, explicações em termos da associação entre um dado estímulo e uma resposta comportamental. O paradigma behaviorista viria dominar a psicologia norte-americana na primeira metade do século. (CORRÊA, 2006, P.118-119).

2.4 UM ÚLTIMO OLHAR SOBRE OS CONCEITOS DE BLOOMFIELD E UMA FUNDAMENTAÇÃO DAS IDEIAS DE SKINNER

Voltam-se os olhares para o contexto behaviorista, seus procedimentos de aprendizagem, pautados na formação de hábitos. Desta maneira, o problema em questão deixa de ser a aquisição de linguagem e passa ao pressuposto do empirismo radical, não há mais restrições por parte do organismo e os procedimentos na base de dados são realizados pela experiência. As pesquisas partem agora para fatores externos, os quais direcionam para o curso da aprendizagem baseado no “princípio de tentativa e erro”.

Estes princípios foram fundamentados nas pesquisas de Burrhus Frederic Skinner, ou B. F. Skinner, em parceria com John B. Watson, que também compartilhava das ideias de Skinner. Esses, juntos de Ivan Pavlov, operavam testes sob o conceito de condicionamento, reforço e punição para a aprendizagem. Skinner, enquanto psicólogo, veio a propor a teoria geral da aprendizagem a partir da ideia de condicionamento operante seguido de reforço, anos mais tarde publicou *Verbal Behavior* (1957), conceito aplicado à aprendizagem da língua.

Skinner, psicólogo norte-americano, personificou o behaviorismo radical, segundo sua análise científica do comportamento. Ele postulou que “Quase todos os comportamentos que podemos identificar incluem-se em uma de duas classes, uma

que foi chamada comportamento “reflexo” ou “Involuntário”, por Skinner foi rotulado de comportamento respondente, e a que foi considerada comportamento “voluntário” denominou comportamento operante”.

Ele sistematizou os termos para defini-los cuidadosamente. Dessa forma descreveu como funcionam cada comportamento:

Comportamento respondente (reflexo) abrange todas as respostas de seres humanos, e muitos outros organismos, que são extraídas ou tiradas para fora por mudanças especiais de estímulo no ambiente. Alguns respondentes são dilatação e contração das pupilas dos olhos em resposta à mudança na iluminação, arrepios quando uma lufada de ar frio toca a pele, uma lágrima derramada quando a pessoa se encontra em aposento superaquecido. Todos os comportamentos que podem ser identificados e rotulados como “atos reflexo” fornecem exemplos de respondentes. (MILHOLLAN E FORISHA, 1990, P. 71)

Em contrapartida ao descrever a segunda espécie de comportamento Skinner inclui muito mais respostas em seres humanos e atividades desenvolvidas:

De fato, a maior parte do comportamento tem caráter operante, andar, escrever, guiar um carro, dar uma tacada na bola de golfe, mostram pouco caráter respondente. Comportamento operante inclui todas as coisas que fazemos e que tem efeito sobre nosso mundo exterior ou operam nele. Quando uma criança estende a mão para um doce, levanta a cabeça na sala de aulas, escreve uma composição ou resolve um problema de matemática, suas ações estão tendo algum efeito sobre seu ambiente. (MILHOLLAN E FORISHA, 1990, P. 72)

São através desses processos, chamados de aprendizado por diversos especialistas, que Skinner acredita ser a maior parte do comportamento adquirido, eventos ou estímulos seguidos de resposta, as quais tendem a “reforçar” o comportamento e aumentam a probabilidade de resposta na aquisição da linguagem, ou reforçador do aprendizado.

3 METODOLOGIA

Foi realizado para esse estudo, uma pesquisa bibliográfica, pois ele se fundamenta a partir de pesquisas realizadas em livros, artigos científicos, teses, dissertações e outros documentos. Como apontado por Prodanov e Freitas (2013), a revisão bibliográfica é

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Esse tipo de pesquisa busca, através da investigação, solucionar, responder ou aprofundar os estudos sobre um tema. Nesse trabalho em específico busca-se construir conhecimento sobre a Teoria Behaviorista descrita por Skinner na aquisição da linguagem. Como postulado por Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica se realiza

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Sendo assim, fica nítido que esse tipo de estudo consiste na busca por dados contidos nos mais diversos documentos, a fim de pautar a base teórica da pesquisa que está sendo desenvolvida. Como proposto por Lakatos e Marconi (2003, p. 183) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Para além de seu teor bibliográfico, a pesquisa se apresenta qualitativa, ou seja, pretende estudar os aspectos relacionados aos fenômenos subjetivos e sociais do comportamento humano, a depender do meio, da cultura e do tempo em que se caracterizam. Essa maneira de pesquisa não se pauta na busca por resultados advindos de equações ou estatísticas, pelo contrário, busca compreender as crenças, valores e/ou relações humanas de determinados grupos sociais. Uma característica marcante da pesquisa qualitativa é seu tom subjetivo, por isso a

revisão bibliográfica anterior se mostra tão importante, pois faz um estudo amplo do objeto de pesquisa e do contexto que ele se encontra inserido.

Sendo assim, esse trabalho de conclusão de curso, fundamenta-se na revisão bibliográfica e na pesquisa qualitativa a análise da Teoria Behaviorista e a maneira como, através dela, ocorre a aquisição da linguagem, para assim tentar encontrar possíveis soluções para os desafios encontrados pelos profissionais que trabalham com crianças nesse momento de suas vidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após explanar as abordagens de vários linguistas, psicólogos e diversos pontos de vista, observamos que todos convergem para a teoria da aquisição da linguagem na fase inicial da vida da criança, fase fundamental para apreender elementos específicos da língua materna. Em que fase ocorre exatamente essa aquisição é um fato a se refletir, pois Skinner (1957) defende as ideias de Bloomfield (1933). Por se tratar de dois empiristas, eles fundamentam seus conceitos em elementos observáveis.

Este trabalho foi construído a base de pesquisas e referenciais teóricos de autores publicados na área da linguística, da psicologia e etc. Por meio de artigos, revistas e eletrônicos, logo, assume caráter científico. As análises aqui presentes são comprometidas com o acesso à informação e o conhecimento das ciências. Elas buscam elucidar o entendimento de como são as aprendizagens das línguas naturais no mundo e como as crianças aprendem. Isso posto, buscou-se rastrear as condições que impulsionaram Bloomfield a formular a teoria do condicionamento estímulo-resposta. Tornou-se óbvio que foi fruto de seu trabalho sistemático de observação com animais e crianças, e a cada estímulo foi percebida uma resposta diferente para cada abordagem. Desta maneira, o linguista obteve resposta ao seu questionamento. Acredita-se que ele concluiu satisfatoriamente suas indagações, seguindo o método proposto por ele. Da mesma maneira, os questionamentos, vistos por outros segmentos linguísticos, trouxeram outras aberturas para novas pesquisas, como visto com o problema de Platão.

Através das leituras, análises científicas e etc. pôde-se observar que todas as crianças aprendem da mesma forma que as outras crianças de línguas diferentes

em todo o mundo. Na imensidão de pesquisas sobre o tema, todas, em algum momento, se intercalaram e perpassam pelos procedimentos categorizados por Bloomfield, logo após pelas ideias de Skinner, mesmo que essa teoria não consiga explicar toda a aquisição da linguagem.

Neste trabalho fica provado, por análise comparativa, a existência dos métodos que foram e são, ainda hoje utilizados sob as perspectivas do behaviorismo. Bloomfield teve um seguidor fiel de seus processos de categorização e ampliação dos conceitos na aquisição da L1 e L2 (primeira língua e segunda língua), tanto nas línguas naturais do ambiente, como fora do ambiente de convívio da criança. Ou seja, segundo esse pressuposto a criança irá adquirir uma língua, desde que não seja afastada do convívio.

A fundamentação de dados, presente neste corpus considera a importância dos estudos de Bloomfield, precursor nos conhecimentos em aquisição da linguagem. Deste modo, por conseguinte, atentou-se para uma pesquisa que explanou a origem e os pressupostos que despertaram o interesse de psicólogos, linguistas, dentre outros, sobre a aquisição da linguagem de crianças em idades variadas. Como consequência, buscou-se criar um corpus que abarcasse diferentes opiniões, para melhor expor como resultaram conceitos que, apesar de serem refutados por teorias fortes, mantiveram-se em prática por décadas.

Vimos que a teoria behaviorista é utilizada em muitas bases para o ensino de línguas, ainda hoje e que ela se sobressaiu exatamente pela característica do método aplicado como reforço (o qual pode ser positivo ou negativo, observado por análise metodológica). É inegável também que o behaviorismo revolucionou os modos de conceituar a aprendizagem.

Ao observar o continuum dos métodos de pesquisas de Bloomfield, os quais foram disseminados por Skinner (seu maior seguidor) e defensor do behaviorismo. Vemos que ele formulou seus próprios métodos de comportamento no ensino, a fim de compreender a aprendizagem, fundamentando seus conceitos as ferramentas disponíveis à época nos conhecimentos adquiridos de estudos de seu precursor.

Desta forma, conclui-se que o trabalho em questão apresenta contribuições interessantes para o desenvolvimento das teorias de aprendizagem, uma vez que apresenta uma revisão bibliográfica detalhada, a qual buscou abordar os principais teóricos da área analisada. Espera-se que a pesquisa feita possa ser de grande

valia para todos os estudiosos e entusiastas da área e que, através da pesquisa, as teorias sobre o desenvolvimento linguístico e a aprendizagem continuem traçando seu caminho para a evolução.

REFERÊNCIAS

BERTELLI, I. **Um instinto para adquirir a arte da linguagem**. Disponível em: <<http://cienciaamente.blogspot.com/2007/12/um-instinto-para-adquirir-arte-da.html?m=1>>. Acesso em: 15.ago. 2021.

BEZERRA, GITANNA BRITO; SOUZA, LUCIENE BRABOSA DE. **A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR CHOMSKY E POR TOMASELLO**. JOÃO PESSOA: DLCV, V. 10, JAN/DEZ 2013, P. 19-32.

CESÁRIO, M.M. (Org.); MARTELOTTA, M (Org.); TOSCANO, M.E (Org.). **Aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 207-216.

CHOMSKY, N. (1965). **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press.

CORRÊA, Letícia M. Sicuro; PFEIFFER, Claudia Castellanos (Org.); NUNES, José Horta (Org.). **Introdução às Ciências da Linguagem, Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas: Pontes editores, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERATIVISMO. *In*: KENEDY, E.; MARTELOTTA, Mario Eduardo toscano (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, v. 1, 2008, p. 127-140.

GROLLA, E.; SILVA, M; FIGUEIREDO, C. **Para conhecer: Aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

JUSTI, F.R dos R; ARAUJO, S. de F. **Uma avaliação das críticas de Chomsky ao Verbal Behavior à luz das réplicas behavioristas**. 3 ed. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 20, p. 267-274.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 11-23.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados. Revisada e ampliada. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

PAROT, Françoise. **Análise psicológica**. 2 ed. 1978, p. 115-124.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda., 1964.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINKER, Steven; BERLINER, Claudia. **Instinto Da Linguagem, O: Como a Mente Cria a Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RIBEIRO, J. L. D. Diretrizes para elaboração do Referencial Teórico e Organização de Textos Científicos. In: **Anais do Seminário de Pesquisa II**, Porto Alegre – RS, PPGEF / UFRGS, abril de 2007.

SKINNER, B. F.. **Verbal Behavior**, f. 246. 2015. 492 p.

SKINNER X ROGERS-Maneiras contrastantes de encarar a Educação - SKINNER Burrhus Frederic x ROGERS, Cambridge, 1978. In: MILHOLLAN. Frank e FORISHA. Bill E.-Skinner x Rogers (orgs). **Maneiras contrastantes de encarar a Educação**, São Paulo: Summus Editorial, 1990.

SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F. BENTES, A. C. (orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol.2, 7ª. ed. SP: Cortez, 203-232, 2011.

SENA, F. V.; GOMES, N. S. Aquisição da Linguagem: Uma abordagem gerativa. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 21, n. 63, p. 554-567, Set./Dez. 2015.

SOARES, M. V. Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 4, p. 1-24, Jun. 2019.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. **A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS**; Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021

WATSON, J. B. Clássico traduzido: a psicologia como o behaviorista a vê. **Temas em Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 289–301, 2021.